



O GOSTO PELO EXERCÍCIO E PELO ESTUDO DO JORNALISMO

Enio Mares Júnior¹

O professor Joaquim Fidalgo, da Universidade do Minho, defende que o ensino do jornalismo articule teoria e prática. “Eu sou muito contra esta dicotomia”.

Professor da Universidade do Minho, em Portugal, **Joaquim Manuel Martins Fidalgo** é licenciado em Filologia Germânica pela Universidade do Porto. Até dedicar-se integralmente ao ensino universitário, atuou como redator no jornal *Público*, onde, entre 1999 e 2001, exerceu o cargo de provedor do leitor (ombudsman). Entre suas publicações estão *Casos em que o Jornalismo foi Notícia* (2007) e *O Jornalista em Construção* (2008).

Esta entrevista foi originalmente concedida ao pesquisador Enio Moraes Júnior como parte da pesquisa que resultou na tese *O Ensino do Interesse Público na Formação de Jornalistas: elementos para a construção de uma pedagogia*, apresentada pelo pesquisador na ECA/USP em 2011.

¹ Jornalista, Doutor em Ciências da Comunicação e Professor da ESPM. E-mail: enio@espm.br

Fidalgo defende que o ensino do jornalismo deve articular teoria e prática. “Eu sou muito contra esta dicotomia”, revela. O material segue editado e compõe a série de entrevistas publicada na Revista Alterjor.

Revista Alterjor – Como articular a formação teórica, no jornalismo, a uma formação prática, socialmente importante?

JF – Eu acho que a formação de um profissional se faz em dois momentos, tanto nos aspectos teóricos como nos aspectos práticos. Os aspectos teóricos, naturalmente, são muito importantes e, hoje em dia, são dados antes. Havia um célebre editor de um jornal americano que dizia a um diretor de uma escola de Jornalismo, algo assim: “Não se preocupem em ensinar os detalhes técnicos aos alunos. Ensinem-nos a pensar. Depois, nós ensinamos o resto.” É um bocado isto, ou seja, nós, quando falamos com pessoas que recebem alunos de jornalismo, elas às vezes dizem: “Eles, no fundo, sabem os aspectos técnicos, mas não sabem como é que isto funciona, não conhecem a sociedade, não tem conhecimentos de cultura geral, não sabem o que é que aconteceu há vinte anos, não conhecem a história do mundo, não conhecem a Geopolítica”. É engraçado que, muitas vezes, a maior falha que os alunos sentem não é nos aspectos técnicos, saber como organizar uma notícia, mas serem capazes de conseguir “ler” o mundo à sua volta. E isso é uma coisa difícil de ensinar pois não se ensina só nas matérias. Ensina-se olhando, vendo televisão, vendo filmes, cinema, conversando, sendo curioso, estando atento. Pode-se ensinar de fato a evolução do mundo nos últimos vinte anos, as fronteiras etc., mas isso implica, de fato, uma curiosidade, uma atenção muito grande. Implica que haja, de fato, disciplinas nos cursos que não tem nada a ver com técnica jornalística. Tem a ver com conhecer o mundo, com a História, com a Política, com a Economia, com a Sociologia, com a Psicologia etc. Isso são elementos de *background* essenciais para o aluno.

RA – É basicamente aquela relação que a gente faz no jornalismo e no ensino do jornalismo: a fase teórica, de formação humanística, e a formação prática.

JF – Exatamente! Elas andam juntas. Só formação teórica não dá; só formação técnica não dá também. Eu costumo dizer aos meus alunos: “Fazer notícias é muito fácil. Perceber o mundo, isso é que é difícil”. Porque fazer notícia, no sentido de pirâmide invertida – que, quem, onde, quando... – é uma mecânica. Como eu costumo dizer: fechamo-nos numa sala, fazemos uma, duas, três, cinco, dez vezes e já sabemos fazer uma notícia. Isto é fácil, nem era preciso ter um curso universitário. Bastava ter um curso de formação profissional rápido, de dois, três e se aprendia a fazer notícia, porque aquilo é mecânico. Mas quando eu chego ao jornal, o que eu preciso saber é: sobre o que é que eu vou fazer notícia? Faço disto ou daquilo? Como é que eu sei se isto é importante ou não é importante? Ou seja: antes de eu saber “fazer” notícia, tenho que saber “o que” é notícia. Se isto é notícia ou se não é notícia, e porque é que é notícia. Isto não se aprende, não é técnica. Isto tem uma componente técnica, mas tem uma componente global e é preciso que eu seja capaz de perceber: “Isto é um assunto importante!”.

RA – E como ensinar isso ao aluno de jornalismo?

17

JF – Não se consegue nunca ensinar totalmente. O professor Nelson Traquina, um dos nossos mais antigos pesquisadores, costuma dizer que o saber mais específico, mais complexo, mais esotérico do jornalismo é esse: saber o que é e o que não é notícia. E, no entanto, se você for perguntar a qualquer jornalista, como é que você sabe o que é e o que não é notícia, ele não sabe explicar. Porque isto é uma equação com muitas incógnitas. Porque depende dos contextos específicos. Pode haver alguma coisa que é notícia neste jornal mas já não é naquele; pode ser notícia na televisão, mas já não é notícia na rádio; pode ser notícia na revista, num magazine, mas já não é notícia num jornal regional; pode ser notícia hoje, mas já não é notícia amanhã. E como é que se aprende isso? Isto aprende-se com um conjunto de conhecimentos teóricos. Os *critérios de noticiabilidade*: a relevância, a proximidade, aquelas coisas todas que é importante saber; os critérios genéricos: a compreensão do mundo que está a nossa volta, o que é que está na agenda e, depois, a socialização do mundo profissional, porque há um aspecto aí que é muito interessante. Aquilo que se aprende *on the spot*, aquilo que se aprende no estágio, dentro de um jornal, numa televisão ou numa rádio, por um lado, há

um contexto de responsabilidade, mas, por outro lado, há um contexto de aculturação do grupo, aculturação profissional, socialização do grupo, e isso acaba por ser essencial.

RA – A Comunicação não é uma Ciência Exata...

JF – É tudo, menos uma Ciência Exata. Por isso é que eu digo que não é possível dizer-se em abstracto: “Este assunto é notícia ou não é notícia”. Quer dizer, alguma coisa pode saber-se, como, por exemplo, um terremoto, mas, em geral, não é possível saber. E saber se é notícia ou se não é notícia depende de muitos factores contextuais e da capacidade de eu interpretar estes factos contextuais. E depende, naturalmente, de decidir: “Faço grande ou faço pequena? Faço muito desenvolvida ou pouco? Ponho fotografia ou não ponho? Puxo para a primeira página ou não puxo?”. Tudo isso são decisões importantes. O processo do jornalista é basicamente um processo de selecção permanente. Porque hoje em dia, qualquer jornal recebe matéria que dava para fazer mil páginas por dia e só faz 48 páginas. Portanto, deita fora 90% da matéria candidata a ser notícia. Só selecciona 5%, 10%. É muita selecção. E isso tem que se fazer depressa, todos os dias. É um processo, de fato, que tem muitos automatismos, mas que não podem ser automatismos cegos. E nesse sentido é que é importante o conhecimento das técnicas que eu aprendi de maneira simulada, tais como diferenças entre os gêneros – a notícia, a crônica, a entrevista, a reportagem. Como eu costumo dizer aos meus alunos, é como se eu fosse um mecânico e isto, a minha caixa de ferramentas: martelo, chave de parafusos, alicate, arame, fio, parafusos, tudo isso, uma caixa muito grande com todas as coisas necessárias. Agora, vou para o trabalho e lá vou aprender... “Nesta situação é esta ferramenta que eu uso?”. Então eu lembro na escola: “Ah, era aquela que eu usava!”. E temos que criar novas ferramentas! Quando saio da escola para ir para o estágio, eu levo as ferramentas todas, sei manejá-las de uma maneira genérica, mas como elas se aplicam, em concreto, é lá que eu vou aprender, no contexto de uma empresa, de um órgão de comunicação e de um grupo profissional com quem eu vou me socializar e com quem eu vou aprender. Eu vou aprender com os mais velhos, eu vou aprender da experiência.

RA – Então temos duas fases da formação do jornalista: a escola e a experiência. Você considera que a escola é importante ou fundamental para que ele passe a essa segunda fase ou ela pode ser dispensável?

JF – Eu fiz um processo em que dispensei completamente a escola. Porque não havia escola. E posso dizer que cheguei a jornalista e fiz uma carreira profissional com algum sucesso. Até se podia dizer que não é preciso escola. Lembro-me de um diretor da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, que uma vez lhe perguntaram uma coisa parecida e ele disse qualquer coisa do gênero: “Eu não vou dizer que a escola fosse absolutamente essencial, mas se eu tivesse feito a escola, eu tinha aprendido mais depressa e tinha aprendido melhor”. Ou seja: ele teve que aprender tudo às suas custas. Se tivesse feito escola, que não era absolutamente imprescindível, tinha andado mais depressa. Se calhar, tinha andado de uma maneira mais profunda e tinha cometido menos erros no princípio. Portanto, eu não acho que seja absolutamente essencial, ou seja, se não tem escola, nunca vai se poder ser jornalista. Mas a escola permite tornar o trabalho mais rápido e a entrada no mundo do trabalho mais rápida e mais consciente também. Eu idealmente até acho que devia haver(*na formação*) um momento no meio, em que escola e experiência estivessem juntas. O nosso modelo (*na Universidade do Minho*) implica que os nossos alunos de jornalismo, no seu último semestre, façam um estágio de três meses numa empresa. E depois fazem o seu relatório. Eu acho que nesta fase – e é o que nós procuramos um bocadinho fazer – ele está já no mundo profissional, mas ainda está ligado um bocadinho à escola. Aliás, no fim desses três meses ele volta à escola para fazer o seu relatório. Portanto, são dois mundos à parte. E o que eu acho, idealmente, o que eu gostaria, por exemplo, era que em vez de serem três meses fosse um ano.

RA – Como é que esse aluno chega à universidade? O jornalismo que é ensinado corresponde à ideia de jornalismo que eles trazem, que eles buscam?

JF – É difícil falar disto porque neste momento o jornalismo que se está a fazer está em grande convulsão. Nós próprios, ao nível do ensino do jornalismo, fizemos uma pequena reflexão há dois ou três anos e parecia que estávamos a ensinar jornalistas para

um modelo de jornalismo que já não existe. Porque nós ensinávamos jornalismo de imprensa, jornalismo de televisão, jornalismo de rádio e hoje em dia não faz muito sentido ensinar essas coisas em separado, porque você vai para um jornal e escreve, capta som, edita som, escreve para o site, leva o telemóvel e capta imagem, estas coisas todas. Portanto, nós estamos neste momento a refletir sobre isso, sobre um ensino do jornalismo cada vez convergente destes meios todos e agora, precisamente com o nosso novo currículo, damos algum ensino nas linguagens específicas, mas depois juntamos isso tudo. Portanto, nós próprios estamos a fazer esta evolução. Eu fui durante 20 anos jornalista de imprensa escrita, de papel, jornal em papel, nem tinha site, nem tinha nada. Portanto, eu estou ainda um bocadinho formatado por aquilo. Eu próprio tenho que fazer a minha evolução. Há um lado mítico do jornalismo e por esse lado mítico a profissão do jornalista tem uma força apelativa forte. O jornalista não é o jornalista que vai ao tribunal de polícia fazer uma coisa ou passa horas a telefonar para os bombeiros. É o correspondente de guerra, é o repórter que vai para o Haiti e no dia a seguir ao terremoto vai para o Afeganistão, vai ao Polo Norte. Isto, por um lado: o da aventura, o do fascínio do viajar, duma profissão sem muita rotina. Amanhã eu estou aqui, depois não sei... Isto é um fascínio para os jovens. E depois, outro aspecto é o da sensação de que eu posso mudar as coisas porque eu escrevo, tenho espaço, tenho acesso e, portanto, estar ali é contribuir para mudar. Mas, depois, é engraçado porque há uma desilusão muito grande quando se vê que, no diaadia, o jornalista passa muitos dias a fazer notícia pequenina, mas que é importante também, pois é preciso fazer também essa aprendizagem. Quer dizer: eu posso ir num mês para o Iraque cobrir a guerra, mas depois, o resto do ano, eu posso estar ali a fazer pequenas entrevistas. O jornal em sentido global é isto tudo. É preciso ter a manchete, o grande correspondente, mas também notícias pequenininhas. Há uns anos, percebia-se que muitos dos nossos alunos queriam ser jornalistas de televisão. Eles queriam ser *pivot*, pois é gente que fica conhecida, que passa na rua e tal, mas depois eles foram percebendo que fazer jornalismo em televisão tem muitas limitações. Até porque, ou se faz a grande reportagem, ou então é muita coisinha, pequenininha, tipo meio minuto. E começaram a perceber, por exemplo, que num jornal dá para fazer mais jornalismo, investigar coisas, e isso foi mudando um bocadinho. Isto é o lado mítico. Mas há também a percepção de que isto é uma zona que nos dá diferentes possibilidades. É também obrigação de quem

ensina alargar o mais possível a perspectiva e o leque. O que acontece é que os alunos muitas vezes entram com uma ideia e depois, afinal, já vão para outra, pois hoje há vários caminhos e portanto, eles podem ter mais facilidade de encontrar um nicho onde possam dizer: “É aquilo que eu gostava de fazer”, e investem. É um processo dinâmico. Eles chegam cá com 18 anos, 19 anos, são novos ainda. Nalguns casos vem e dizem: “Não sei muito bem para onde quero ir, é nesta área?”. E é nossa função também darmos a conhecer como é que é aquilo e, sobretudo, o jornalismo, que é qualquer coisa que está a mexer muito. Cada vez mais se fala em Portugal, assim como no Brasil, de os cursos serem cursos de banda larga. O que é que isso quer dizer? É um curso que não seja demasiado fechado numa coisinha só porque, se calhar, hoje eu estou aqui, amanhã estou ali. Ou seja, vou levar competências e conhecimentos de variados domínios para, se não me conseguir adaptar no jornalismo, adaptar-me numa assessoria ou na publicidade. Em vez de saber muito de uma coisinha pequenininha, se eu arranjar um emprego ali, muito bem, se eu não arranjar, não sei fazer mais nada. Portanto, a ideia de que isso possa alargar um bocadinho e a ideia de que o mundo está em mudança, a cabeça das pessoas está em mudança e a cabeça dos alunos também.

RA – O jornalismo traz um sentimento, uma carga e compromisso de responsabilidade social com a cidadania, com a democracia, com os direitos humanos, que me parece mais intensa. No caso específico dos alunos de jornalismo, como é que se ensina essa responsabilidade?

JF – Não é fácil. Há uns anos, eu escrevi um texto que alguém me pediu, sobre como é que se aprende o jornalismo. E o texto começava assim: “Eu não sei se o jornalismo se ensina. Agora, sei que o jornalismo se aprende”. Eu não podia escrever como se ensina, pois eu não sei, eu sei como aprendi. Quando os alunos chegam a um ateliê, a um laboratório, como nós chamamos, vão muito com aquela ideia: “Como é que nos vamos fazer notícia?”. Eu gasto sempre um tempo grande a explicar que, no laboratório, passasse muito tempo em que aparentemente não se faz nada, não se produz nada. Num laboratório de Biologia, as pessoas passam horas e horas a observar, a comparar, a analisar. Nas minhas aulas, no laboratório, eles querem fazer notícia. E temos que fazer, e vamos fazer, mas nós passamos muito tempo no laboratório a observar. E pode se ver

um filme. Ver um filme é laboratório. No ano passado, vimos *The Front Page* e depois fomos conversar sobre ele. Pode-se também pegar os jornais do dia e tentar perceber porque aquele fez assim e aquele fez assado. Pode ser ler um jornal que o estudante nunca tinha lido, que eu sei que existe, mas que é sensacionalista. “E o que é que é o sensacionalismo?”. Eu acho que o que nós temos que fazer na escola é ensinar os alunos a ler e a ver. E o laboratório é o espaço de análise, de observação minuciosa, de tentar perceber porque é que este fez assim e porque que aquele faz assado. Portanto, tudo isso são elementos essenciais do laboratório. Um aspecto essencial é que eu gosto muito é jornalismo comparado. Aprende-se imenso ao comparar de uma maneira aprofundada, um jornal impresso de um dia a um jornal televisivo. “E porque é que eles são tão diferentes?”. É preciso perceber precisamente qual é a influência que o jornalismo acaba por ter, direta ou indiretamente, na sociedade. E mais, perceber também de que forma a sociedade que nós temos hoje influencia ela própria o jornalismo. Portanto, eu julgo que a ideia de que fazer um laboratório é só fazer notícias, fazer reportagens, fazer entrevistas é uma perspectiva redutora. É de fato um aspecto importante, mas antes de saber fazer, eu tenho que saber o que fazer, se fazer ou se não fazer. Só quando eu decidir que isto merece que se faça é que eu vou fazer. Mas antes eu tenho que insistir: “Merece que se faça por quê?”. E tem aquilo que não se faz, que é uma coisa engraçadíssima: “Porque não saiu no jornal? Por que é que há coisas que nunca saem no jornal?”. São coisas difíceis de dizer porque elas não estão no jornal, nós não sabemos que elas aconteceram. O professor Manuel Pinto tem andado a insistir nisto: os ditos e os não ditos.

RA –Um francês, Alain Accardo, fala que tudo se admite no jornalismo, menos a ingenuidade.

JF – Exato, exatamente. Eu arrisco até em dizer que é talvez das coisas que existem mais e até nos jornalistas aparentemente muito bons. O Garcia Marquez dizia que as escolas ensinam tudo, as coisinhas do ofício, menos o ofício propriamente dito, que é aquilo que é difícil. Ou seja, não basta dizer: vamos ensinar a escrever isto, a fazer aquilo, as coisinhas de pormenor, e depois não se ensinar o ofício propriamente dito, que é uma coisa que está por debaixo disto tudo. Quer dizer: eu penso que sou capaz e

depois, a certa altura, venho a saber que eu fiz aquilo que alguém quis, naquele dia, com aquela intenção e eu não percebi nada. Eu deixei-me levar calmamente... Isso é o que eu chamo, muitas vezes, de ser idiota útil. Eu até posso fazer a notícia, mas, se calhar, eu não vou fazer aquela que a pessoa me deu tal e qual. Eu vou pegar aquilo como um ponto de partida para investigar. Isso é o que eu chamo de ser capaz de refletir sobre aquilo e não apenas estar de tal maneira fascinado com as luzes da ribalta. Faço tudo todo contente, sem me interrogar sobre se eu, pessoal, profissionalmente ou ainda como empregado de uma empresa, estou a ser manipulado por razões que eu nem me cuidei de saber. E esse, eu acho que é um perigo muito grande no jornalismo de hoje. Porque, nós sabemos que o jornalismo é a cena, talvez por excelência a arena do combate político. E não é só: dos poderes econômicos, dos poderes culturais, que sabem que devem tentar entrar e estar na arena para poder exercer o seu poder. Se eu sou de alguma maneira *gatekeeper* dessas coisas – cada vez menos, mas sou um bocadinho – e *agenda-setting* também, de alguma maneira tenho a responsabilidade de aplicar ao processo de escolha e de reflexão critérios do interesse público, do interesse comum e não critérios do interesse específico que sirvam interesses privados. Para isso, tenho que me interrogar e pensar se sou capaz de fazer a minha própria agenda ou, se as coisas me vêm ter a mão, eu não vou ficar todo contente e dizer: “Olha, que bom! Já não preciso de ir, está a papinha toda feita, é só colar a foto etc”. As empresas de comunicação tem assessores e muitas vezes elas tem muito sucesso a saírem nos jornais. Sabe por quê? Porque sabem como é que isso funciona e porque exploram, muitas vezes, a preguiça dos jornalistas ou as rotinas das empresas. Sabem, por exemplo, que num sábado à tarde muitas vezes não tem matéria para o jornal de domingo; sabem que em agosto os jornais às vezes têm que inventar reportagem para fazer uma história... Isso tudo são coisinhas, de pormenor, que as agências de comunicação, os assessores, muitas vezes, sabem, conhecem e exploram. Aliás, eu acho que eles fazem o seu trabalho muito bem. Eu não estou a criticar! O problema é que os jornalistas é que não fazem o seu. Os jornais hoje em dia tem poucas pessoas e eu sei que, em alguns jornais, se mandarmos um *press-release* já como se fosse na forma de notícia, no dia seguinte sai o textinho tal e qual no jornal, *copy-paste*. Mas sei também que com outro jornal eu não posso fazer isso.

RA – O seu percurso é muito incomum. Por outro lado, você tem uma carreira sólida no mercado profissional e veio para a academia. O que é que trouxe você para a universidade?

JF – Algumas circunstâncias conjunturais, porque eu fiz um percurso no jornalismo do mais baixo até o mais alto. Comecei do ponto mais baixinho, de estagiário, até chegar à direção, à administração e depois fui provedor do leitor, ombudsman, durante dois anos. Mas basicamente o que me trouxe foi poder precisamente aquilo que você diz: voltar a perceber um bocado melhor o que é isto, perceber um bocado melhor o que é que eu andei a fazer. Já na parte final do meu percurso profissional, uma vez por outra vinha dar uma aula aqui na universidade. Mantinha um pé na profissão e outro aqui, como convidado. E eu gostava de partilhar com os candidatos a jornalistas coisas que tinham a ver com o lado de lá. Além disso, do meu ponto de vista estritamente pessoal, eu sempre gostei muito de estudar e eu dizia sempre que quando andamos naquela roda infernal não há tempo. Eu tinha muito essa sensação de que eu estava numa roda e que era a roda que me levava a mim, não eu que levava a roda. E isso era uma coisa que me custava porque eu sou um bocadinho aquele tipo de pessoa que gosta de pensar nas coisas. Eu comecei a vir aqui de vez em quando, comecei a ler mais uns livros de uns teóricos que estudam essas coisas e comecei a perceber que, nalguns casos, eu via que era exatamente assim. Noutros casos, exatamente o contrário. Então, fiquei meio fascinado pela capacidade de refletir sobre aquilo que eu próprio tinha andado a fazer e de perceber como é que eu posso contribuir para tornar isso mais claro, de alguma maneira alterando estes modos meramente rotineiros de fazer. Do ponto de vista social, eu achei que criar esta ponte entre a academia e o mundo profissional era uma coisa de alguma importância e, portanto, que ia contribuir para aproximar estes dois mundos. Eu acho que ambos tem a aprender um com o outro. A academia deve aprender com a prática, a prática deve aprender com a academia. E gostava de contribuir para melhorar um bocadinho também o ensino do jornalismo nesta ligação com a prática. Isto do ponto de vista da responsabilidade social. Do ponto de vista estritamente pessoal, foi o fato de que eu gosto de estudar, gosto de pensar em cima do concreto. E como andei muito tempo no concreto, com pouco tempo para pensar, quando comecei a poder estudar um bocadinho disso senti-me, de facto, fascinado e tive de optar. Achei que já tinha feito

uma carreira muito intensa no jornalismo e que já não tinha também força para continuar com aquela intensidade. Abriu-se, aqui, a possibilidade de fazer o meu estudo, fazer o meu doutoramento e nessa altura resolvi passar para o lado de cá trazendo as malas todas comigo. Trouxe toda a bagagem para tentar agora olhar com os olhos um bocadinho diferentes e do ponto de vista pessoal fiquei com muita vontade de estudar. Estudar para tentar entender.